

LIBERDADE OU BARBÁRIE? A URGÊNCIA DE UM PENSAMENTO ECOSSOCIALISTA NA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

**FREEDOM OR BARBARISM? THE URGENCY OF AN ECOSOCIALIST
THOUGHT IN LIBERATION THEOLOGY**

**¿LIBERTAD O BARBARIE? LA URGENCIA DE UN PENSAMIENTO
ECOSOCIALISTA EN LA TEOLOGÍA DE LA LIBERACIÓN**

Laís Machado Ribeiro Luz

● Mestranda em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza pela UTFPR, Bacharel em Teologia pela Unicesumar (2017) e Pós-Graduada em Administração Financeira pela Unicesumar (2022). Possui CPA-10 pela ANBIMA. Atualmente trabalha como Professora Mediadora de Teologia na Unicesumar.

Enio de Lorena Stanzani

● Doutor em Educação para a Ciência (2018) pela Unesp/Bauru-SP, Mestre em Ensino de Ciências (2012) pela Universidade Estadual de Londrina (UEL-PR) e Graduado em Química com habilitação em Licenciatura (2010) pela mesma instituição. Atualmente é professor adjunto do curso de Licenciatura em Química - Área Educação Química - da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) Câmpus Apucarana e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza (UTFPR), desenvolvendo pesquisas acerca da temática Formação Inicial de Professores de Química e Saberes Docentes. É coordenador dos programas de formação docente: Residência Pedagógica e Pibid. Participa dos grupos de pesquisa: LIDTEQ (Laboratório de Inovação Didática e Tecnológica no Ensino de Química - UTFPR-Ap), EDUCIM (Educação em Ciências e Matemática - UEL) e LEPEQ (Laboratório de Ensino e Pesquisa em Educação Química - UEL).

RESUMO

Este artigo é um ensaio teórico, orientado pela metodologia de Severino (2014), em que será proposto uma reflexão crítica sobre a necessidade de um diálogo entre a Teologia da Libertação e o Ecossocialismo, com base nos pensamentos de Leonardo Boff, Guillermo Kerber e Michael Löwy. Fazendo o uso do materialismo histórico de Karl Marx e das escrituras sagradas, a Teologia da Libertação surge no contexto latino-americano, tendo como objetivo a busca por uma justiça social. Diante ao agravamento da crise climática a teoria marxista ganha uma nova percepção, o Ecossocialismo, no qual a ecologia se torna pauta primordial, surgindo, assim, uma visão radical que exige que o cuidado com a natureza seja colocado como essencial na luta pela justiça. Dessa forma, defendemos a mudança radical do sistema e da relação homem/natureza para a superação da barbárie e a construção de uma nova racionalidade ética, ecológica e espiritual. Além disso, iremos tratar o Ecofeminismo e a Teologia feminista, baseado nos textos de Françoise d'Eaubonne, Ivone Gebara e Vandana Shiva, entendendo que uma mudança radical só irá acontecer quando a mulher for reconhecida como participante real das transformações.

Palavras-chave: Teologia da Libertação; Ecossocialismo; Pensamento Latino-American; Ecofeminismo; Teologia Feminista.

ABSTRACT

This article is a theoretical essay, guided by the methodology of Severino (2014), in which a critical reflection will be proposed on the need for dialogue between Liberation Theology and Ecosocialism, based on the ideas of Leonardo Boff, Guillermo Kerber, and Michael Löwy. Drawing on Karl Marx's historical materialism and the sacred scriptures, Liberation Theology emerged in the Latin American context with the aim of pursuing social justice. Faced with the worsening climate crisis, Marxist theory gains a new perspective, Ecosocialism, in which ecology becomes a central issue, giving rise to a radical vision that demands care for nature as essential in the struggle for justice. In this sense, we advocate a radical change in the system and in the human–nature relationship to overcome barbarism and build a new ethical, ecological, and spiritual rationality. Furthermore, we address Ecofeminism and Feminist Theology, based on the writings of Françoise d'Eaubonne, Ivone Gebara, and Vandana Shiva, understanding that a radical change will only occur when women are recognized as real participants in these transformations.

Keywords: Liberation Theology; Ecosocialism; Latin American Thought; Ecofeminism; Feminist Theology.

RESUMEN

Este artículo es un ensayo teórico, orientado por la metodología de Severino (2014), en el que se propondrá una reflexión crítica sobre la necesidad de un diálogo entre la Teología de la Liberación y el Ecosocialismo, basado en las ideas de Leonardo Boff, Guillermo Kerber y Michael Löwy. Haciendo uso del materialismo histórico de Karl Marx y de las escrituras sagradas, la Teología de la Liberación surgió en el contexto latinoamericano con el objetivo de buscar la justicia social. Ante el agravamiento de la crisis climática, la teoría marxista adquiere una nueva perspectiva, el Ecosocialismo, en el cual la ecología se convierte en un tema central, dando lugar a una visión radical que exige que el cuidado de la naturaleza sea considerado esencial en la lucha por la justicia. De esta manera, defendemos un cambio radical del sistema y de la relación entre el ser humano y la naturaleza para superar la barbarie y construir una nueva racionalidad ética, ecológica y espiritual. Además, abordamos el Ecofeminismo y la Teología Feminista, basándonos en los escritos de Françoise d'Eaubonne, Ivone Gebara y Vandana Shiva, entendiendo que un cambio radical solo ocurrirá cuando la mujer sea reconocida como participante real de estas transformaciones.

Palabras clave: Teología de la Liberación; Ecosocialismo; Pensamiento Latinoamericano; Ecofeminismo; Teología Feminista.

INTRODUÇÃO

O presente ensaio teórico, seguindo a proposta metodológica de Severino (2014), propõe-se a refletir de forma crítica sobre uma possível convergência entre a Teologia da Libertação e o Ecossocialismo. A crítica é fundamentada no pensamento latino-americano e em autores como Michael Löwy, Gustavo Gutiérrez, Leonardo Boff e Guillermo Kerber, desse modo, pretende-se demonstrar como os campos teológico e político-ecológico compartilham a mesma problemática, a necessidade de uma justiça social e ecológica. Além disso será proposto uma análise sobre o Ecofeminismo e a Teologia feminista com base nos textos de Françoise d'Eaubonne, Ivone Gebara e Vandana Shiva, devido a relevância e importância da luta da mulher nesse contexto.

A Teologia da Libertação surge na América Latina como uma resposta à miséria e à opressão vivenciadas pelo povo latino-americano. Sua raiz é a fé cristã e é baseada principalmente nos textos de Êxodo, sendo utilizado uma proposta de hermenêutica libertadora. Teólogos como Gustavo Gutiérrez, Leonardo Boff, Jon Sobrino e Juan Luis Segundo, são os principais responsáveis pela formulação da Teologia da Libertação, a qual se compromete com a transformação social e com a dignidade dos pobres, sendo não apenas uma reflexão doutrinária mais uma práxis transformadora que denuncia as estruturas de dominação. Neste sentido, “A teologia como reflexão crítica da práxis histórica à luz da Palavra não só não substitui as demais funções da teologia como sabedoria e saber racional, mas ainda as supõe e necessita” (Gutiérrez, 1986, p. 26).

Já o Ecossocialismo é uma proposta político-filosófica, que responde à crise ecológica causada pelo sistema capitalista destrutivo. Diferente de ambientalistas, que propõem apenas reformas limitadas, o Ecossocialismo propõe uma radicalidade de ruptura com a questão produtivista do capital, defendendo uma reorganização econômica baseada na justiça ecológica e social, pois entende que não há possibilidade de uma sociedade justa sem levar em consideração todas as questões da natureza. A crítica do Ecossocialismo é direcionada principalmente à alienação social imposta pelo mercado e ao esgotamento de recursos naturais devido a toda exploração pelo lucro (Löwy, 2014).

Nessa perspectiva, colocar a Teologia da Libertação em diálogo com o Ecossocialismo é uma tarefa urgente. A denúncia contra o sistema opressor é essencial para a defesa da vida em sua totalidade, pois é necessário o reconhecimento que tanto a degradação da natureza quanto a exploração do pobre estão ligados a um mesmo sistema, tornando esse diálogo, além de possível, necessário.

METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como um ensaio teórico, fundamentado na metodologia proposta por Severino (2014), a qual busca desenvolver um estudo formal, contendo uma exposição lógica a partir de uma argumentação precisa e reflexiva. O modelo do ensaio teórico permite ao autor desenvolver uma determinada posição, sendo essa, baseada na documentação empírica e bibliográfica.

O ensaio teórico tem como base os livros e artigos dos autores clássicos e contemporâneos com destaque para Leonardo Boff, Michael Löwy, Guillermo Kerber, Françoise d'Eaubonne, Ivone Gebara e Vandana Shiva, a fim de fundamentar a definição do que é Ecossocialismo e a Teologia da Libertação e realizar uma análise crítica sobre as mesmas. A escolha desses autores se deve à relevância acadêmica e histórica destes na discussão sobre a justiça social, teologia, marxismo e ecologia política. Além de propor um olhar sobre a Teologia feminista e o Ecofeminismo, dada sua relevância e necessidade para uma mudança real.

Aqui, é importante destacar que o presente estudo não pretende esgotar o tema, mas contribuir para o debate, visto que é importante destacar a necessidade de compromisso ecológico, crítica ao capitalismo, reconhecimento da mulher e a necessidade de integrar a fé cristã.

ENSAIO TEÓRICO: ELEMENTOS PARA DISCUSSÃO E REFLEXÃO

Durante o desenvolvimento deste ensaio buscamos identificar os pontos de tensões e convergências entre a Teologia da Libertação e o Ecossocialismo, finalizando com uma perspectiva feminista sobre a teologia e a

ecologia. Dessa forma, será apresentado primeiramente, a crítica teológica presente em Karl Marx e Engels como fundamento, visto que os mesmos são responsáveis tanto pela base da Teologia da Libertação como do Ecossocialismo. Dessa forma, todo o assunto presente no conteúdo deste ensaio está diretamente ligado à essa teoria, da mesma forma que, devido a resistência de cristãos com o marxismo, é importante expandir o diálogo para compreender o posicionamento dos autores.

Após, será analisado o surgimento da Teologia da Libertação e sua relevância para a América Latina, seguido pelo significado do Ecossocialismo e sua importância para que ocorra uma transformação radical da sociedade. Mais a diante, será colocado em pauta a extrema importância da união da Teologia da Libertação e do Ecossocialismo, seguindo com a necessidade de transformação e saída da barbárie promovida pelo capitalismo. Por fim, analisaremos as vertentes por um olhar feminino, dada a relevância de incluir a mulher como ser e não apenas objeto de submissão, encerrando com uma proposta de transformação da realidade.

A CRÍTICA TEOLÓGICA PRESENTE EM MARX E ENGELS

Quando Karl Marx é relacionado a religião, a frase mais comum empregada ao autor é ‘A religião é o ópio do povo’ (Marx, 2013, p.151). Contudo, ela já foi dita por diversos outros pensadores e em vários contextos. Isso leva ao questionamento sobre qual seria o pensamento de Marx e Engels sobre a religião, longe dos discursos espalhafatosos, que tentam os colocar como vilões hereges da fé. Podemos pensar que em *A Ideologia Alemã* (1989), começou o estudo marxista da religião como realidade social e histórica, sendo Engels o maior responsável por essas contribuições, inclusive fazendo paralelos entre o cristianismo primitivo e o socialismo moderno. Segundo Löwy (1991), a diferença entre os dois movimentos era que os cristãos primitivos postergavam a libertação para além da morte, enquanto o socialismo a desejava nesse mundo.

Pode-se dizer que há uma luta de classe no seio da Igreja? Sim e não. Sim, na medida em que certas posições correspondem aos interesses das classes dominantes e outras àqueles das classes oprimidas. Não, na medida em que os bispos, jesuítas ou padres que se encontram à frente da ‘Igreja dos Pobres’ não são, eles próprios, pobres. Sua adesão a causa dos explorados é fruto de considerações espirituais e morais, inspiradas por sua cultura religiosa, sua fé cristã e a tradição católica. [...] Os *próprios pobres* tomam a consciência da sua condição e se organizam para luta *enquanto cristãos*, vinculados à Igreja e inspirados por uma fé. Considerar essa fé e essa identidade religiosa, profundamente enraizada na cultura popular, como um simples ‘invólucro’ ou ‘roupagem’ de interesses sociais e econômicos, é cair em um tipo de atitude redutora que impede compreender toda a riqueza e autenticidade do movimento real (Löwy, 1991, p. 26).

Engels comentava sobre diversos pontos da reforma protestante, sendo um dos momentos históricos de transformação visível. Neste ensaio, não iremos abordar toda a história protestante, visto que o foco será principalmente na Teologia Latino Americana, contudo, esse momento foi marcante para a história da religião e política, visto que os protestantes se manifestaram contra a relação entre Estado e Igreja, além de mudar toda a percepção do conceito de salvação. O catolicismo antes da reforma entendia que o clero era uma ligação entre o divino e o mundo, o clero podia salvar almas e perdoar pecados. As catedrais suntuosas reforçavam a ideia de um local, no qual o clero fazia contato entre o divino e sagrado. Quando o Calvinismo surge durante a reforma, faz com que as igrejas ainda sejam especiais, mas não sagradas. Outro ponto é que não eram os clérigos que pregavam, mas sim, cidadãos comuns.

A reforma de Calvino correspondia às necessidades da burguesia mais adiantada da época. Sua doutrina de predestinação era a expressão religiosa do fato de que, no mundo comercial da concorrência, o sucesso e o insucesso não resultam nem da atividade, nem da habilidade

do homem, mas de circunstâncias independentes de seu controle. Essas circunstâncias não dependem nem daquele que quer, nem daquele que trabalha; estão à mercê de forças econômicas superiores e desconhecidas [...] (Engels, 2023, p. 33).

Esse contexto histórico mostra que os conceitos teológicos ainda estão nas amarras de um Estado e/ou da classe dominante. Gerando um questionamento se a crítica de Marx e Engels à religião estava embasada em um contexto social de dominação e não necessariamente à fé das pessoas. A busca por romper a alienação e tornar a religião realmente livre da dominação, destaca a importância do pensamento marxista e é justamente por isso que a Teologia da Libertação e o Ecossocialismo emergem como uma possibilidade de emancipação.

Rosa Luxemburgo, mesmo sendo ateia, se empenhava menos no combate à religião e mais contra a política reacionária da Igreja. Por volta de 1920, alguns cristãos se engajaram ao movimento, porém, a ideia mais comum era que um socialista ou comunista deveria abandonar suas crenças. Segundo Löwy (1991), Luxemburgo entendia que era possível unir o socialismo aos valores cristãos, sem precisar se perder na intolerância ou no materialismo grosseiro.

Com isso, é possível observar que um cristão pode carregar os princípios marxistas, bem como um socialista/comunista também pode compreender os princípios cristãos, afinal, em muitos pontos das lutas, eles caminham juntos. Buscar uma igualdade, justiça e respeito é importante tanto para libertar a fé da alienação quanto para que as pessoas possam viver uma vida de forma digna. Muitos pontos abordados pelos marxistas também podem ser ligados às escrituras.

Todas as relações firmes, sólidas, com sua série de preconceito e opiniões antigas e veneráveis foram varridas, todas as novas tornaram-se antiquadas antes que pudesse ossificar. Tudo o que é sólido desmancha-se no ar, tudo o que é sagrado é profano, e os homens são, por fim, compelidos a engrenar de modo sensato suas condições reais de vida e suas relações com seus semelhantes (Marx; Engels, 2023, p.30).

O texto presente no *O manifesto comunista*, leva uma crítica profunda ao capitalismo em relação a todas as estruturas sociais e também ao sagrado. Marx e Engels falam sobre como antes do capitalismo as relações sociais eram estáveis tanto no feudalismo, na religião, nas tradições familiares e na moral. Contudo, tudo se transforma após o capitalismo, o que era sólido agora se torna como fumaça. Tudo o que antes era sagrado, desde a família, religião, valores, moral é agora profanado pelo capitalismo, ou seja, até mesmo a fé das pessoas é refém de um sistema exploratório. Após o capitalismo, a idolatria pelo mercado e o lucro se tornam novos deuses. Contudo, ainda assim, há um chamado para a mudança e para se livrar de todo o sistema.

A ideia de liquidez está muito presente no pensamento de Zygmunt Bauman, no qual usa das obras de Marx, como *O manifesto comunista* (2023), para dialogar com as complexidades promovidas pelo desenvolvimento do capitalismo. Em seu livro *Modernidade Líquida* (2001), o autor retoma a ideia de ‘derretimento dos sólidos’ mostrando que o capitalismo, ao caminhar da modernidade, dissolveu as estruturas tradicionais, para que novas formas racionais fossem organizadas em torno da economia. Contudo, essa questão vai muito além de dissolver locais e instituições, ela trata da dissolução de vínculos, comunitários, familiares e tudo o que faz o indivíduo ser coletivo, transformando-os em ‘instituições zumbi’. O ser humano ainda vive, mas se esvazia, tal qual o zumbi. Dessa forma até o relacionamento humano se torna líquido/descartável. O capitalismo em sua fase liquida individualiza os problemas, transformando tudo em objeto de consumo, o Evangelho aponta para uma lógica oposta: a comunhão e a justiça.

Dentro das escrituras, podemos ver a representação desse texto como em Mateus 6.24, no qual existe a idolatria de Mammon, o ‘deus do dinheiro’. Essa busca desenfreada pelo lucro e poder social gera consequências que foram combatidas por Cristo. Jesus denuncia a impossibilidade de servir dois senhores, Deus e Mammon não podem ser cultuados simultaneamente. Da mesma forma em que podemos encontrar a defesa de Cristo pelos pobres, Mammon o vê como fraco e descartável, como em Lucas 6.20. Diante disso, é perceptível que, na visão cristã, o dinheiro só é bom

quando se torna vida. O amor ao próximo e o Reino de Deus, proclamados por Cristo, não partilham os mesmos desejos de lucro e soberba promovidos pelo capitalismo.

Teologia e comunismo podem caminhar juntos rumo a uma liberdade, na qual sua fé será, de fato, vivida com autonomia e do seu trabalho realmente comerás com justiça e dignidade (Gn 3.19). Assim, quando Marx (2023) alega que a única coisa que um proletariado tem a perder são seus grilhões, a teologia pode dizer que a única coisa que um cristão tem a perder são as correntes da fé domesticada pelo poder.

A EMERGÊNCIA DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO

Segundo Löwy (1991), desde a Segunda Guerra Mundial, novas correntes teológicas surgiram principalmente na França e Alemanha, gerando uma espécie de cristianismo mais social, onde a observação das ciências sociais começou a se fazer presente para alguns padres. De forma geral, essas influências chegaram à América Latina encontrando uma mudança política e social que teve seu início desde a industrialização, a partir dos anos 1950. Contudo, essa nova Teologia, chamada Teologia da Libertação, ganhou força no fim dos anos 1960 e começo dos anos 1970.

Gustavo Gutiérrez é conhecido como o ‘pai da Teologia da Libertação’, sendo o responsável por pensar o cristianismo de uma forma crítica à luz da fé e da revelação da práxis histórica. O desejo dessa teologia é propor uma forma para falar sobre Deus mesmo dentro de uma realidade marcada pela pobreza e pela opressão. Dessa forma, a Teologia da Libertação confronta toda opressão histórica, fazendo com que a teologia não seja feita pelos altos cleros, mas sim pelos que foram silenciados na história, os oprimidos.

Uma teologia que assume os interesses dos pobres e sua ótica de ver o mundo, a história a Igreja e a revelação será inevitavelmente uma teologia que provocará conflitos: primeiramente com as teologias para as quais o pobre constitui tema mas não perspectiva de elaboração de toda a teologia; estas teologias se sentem questionadas em seu caráter evangélico, em sua capacidade ou não de evangelizar as grandes maiorias empobrecidas e em sua função de instância legitimadora de uma sociedade que cria pobres e se mantém de costas para eles. Em seguida será uma teologia de difícil assimilação pela instituição eclesiástica cujos interesses históricos estavam e continuam, em grande parte, vinculados às classes dominantes; a teologia da libertação lhe faz um forte apelo à conversão; este apelo nem sempre é compreendido e logo difamado como infidelidade à Igreja e vontade de crítica obsessiva às práticas institucionais. Por fim, a teologia da libertação por causa de sua opção pelos pobres é incompreendida, distorcida, às vezes difamada e perseguida pelos poderes dominantes na sociedade, pois vêem seus interesses contrariados, deslegitimados e combatidos. A teologia da libertação, objetivamente, quer fale o teólogo ou cale, apresenta-se como uma teologia profética. E muitas vezes membros dela conhecem o destino dos profetas (Boff, 1988, p. 536-537).

A Teologia da Libertação pode ser considerada como uma teologia que nasce a partir da consciência de que existe uma realidade específica para a América Latina, ainda que ela possui ideias universais. Também debate que a teologia não pode ser distanciada da realidade das pessoas e seus problemas. Seu começo é considerado pela história como tendo dois pontos principais: o Concílio Vaticano II (1962-1965), realizado em Medellín, e a reunião em Puebla, no México (1979). Medellín foi historicamente importante devido a ser um dos momentos que mais houve uma disputa entre a modernidade e o tradicionalismo.

O Concílio Vaticano II corroborou e ampliou perspectivas relativas à reforma litúrgica, da relação da Igreja com o mundo, entre outras inovações, incorporando um conjunto de demandas consideradas avançadas e parte de seus documentos finais foi considerada bastante progressista (Brito, 2010, p. 2).

Dom Paulo Evaristo Arns (2001), afirma que Medellín era como o Vaticano [II] traduzido para a América Latina. Os pontos levantados nessa reunião fizeram com que teólogos progressistas pudessem aproveitar seu conhecimento para dominar os documentos do Concílio, influenciando e incluindo as ideias da Teologia da Libertação.

Além da específica reflexão teológica acerca desse assunto, a partir da possibilidade, aberta pelo Concílio Vaticano II, de utilização das ciências sociais como instrumento de mediação e leitura do mundo, os teólogos latino-americanos foram buscar uma resposta aos dramas do povo do continente para, a partir desse diagnóstico, realizar um julgamento dessa realidade a partir dos olhos da fé e uma ação condizente com esse julgamento (Brito, 2010, p.3).

A Teoria da Dependência, era debatida pelos teólogos da América Latina que acreditavam que a pobreza fazia parte da condição estrutural do capitalismo, ou seja, a existência dos pobres cumpria o papel importante dentro da configuração imperialista. Conforme Brito (2010), os progressistas impuseram sua temática usando a Ação Católica: Ver-Julgar-Agir, fazendo com que o olhar partisse da realidade para ser julgada aos olhos da fé e depois uma ação seria feita com base nesse julgamento. É importante pensar que muitos documentos de Medellín não são extremamente progressistas e libertadores, mas os intérpretes articularam e divulgaram essa visão posteriormente, fazendo com que a Teologia da Libertação realmente viesse a público a partir de Medellín e tivesse um cunho revolucionário.

Outro evento importante para a Teologia da Libertação foi a Batalha de Puebla, na qual progressistas e conservadores debateram publicamente seus pontos. Contudo, assim como abordado por Brito (2010), esse evento não foi completamente linear e igualitário, visto que os teólogos assessores de bispos foram proibidos de participar, enquanto os teólogos peritos eram todos pertencentes a linha conservadora do Vaticano. Além disso, os documentos divulgados para a imprensa eram em geral conservadores, buscando uma condenação da Teologia da Libertação, esse boicote pode ser visto com o discurso de Dom Lorscheider, que teve as cópias entregues somente mais tarde para imprensa, diferentes dos demais, e ainda com uma quantidade insuficiente para que a imprensa pudesse divulgar de forma igualitária. Brito (2010), alega que nos anos 80 o Vaticano realizou uma campanha contra a Teologia da Libertação, sendo ela baseada no controle tanto da Igreja, dos representantes de 'Deus' quanto das ideias.

Os eventos operados na Batalha de Puebla, foram tentativas de acabar qualquer possibilidade de mudança dentro da igreja, ou de união aos pensamentos comunistas, contudo, mesmo diante de todo boicote, o texto *Opção Preferencial pelos Pobres*, acabou atendendo tanto progressistas quanto conservadores. O foco da Teologia da Libertação é o pobre e o oprimido. Ela se baseia nos textos de Éxodo, quando o povo é exilado e sofre por todas as questões políticas da época. Dessa forma, a Teologia da Libertação busca uma justiça social e une a Bíblia com as ideias marxistas, buscando, de modo geral, a justiça para o povo.

[...] o ponto de partida para essa descoberta do marxismo é um fato social incontornável, uma realidade massiva e brutal na América Latina: **a pobreza**. O marxismo aparece aos olhos dos teólogos da libertação como a explicação mais sistemática, coerente e global das causas dessa pobreza, e como única proposição suficiente radical para a sua abolição (Löwy, 1991, p. 95).

Dessa forma, é possível entender que a crítica ao capitalismo já está presente dentro da Teologia da Libertação, visto que, não existe a possibilidade de criticar a estrutura da sociedade sem analisar todo o sistema atual capitalista e entender suas falhas. Com isso, é indispensável pensar a questão ecológica já que a exploração da natureza influencia completamente a vida das pessoas, enquanto a devastação impacta principalmente os pobres, ou seja, as pessoas marginalizadas. Leonardo Boff (1999) um dos principais teólogos da libertação, defende a aproximação entre a tradição e a reflexão ecológica. No início da obra organizada por Márcio Fabri dos Anjos (1999), Boff afirma:

A primeira, a chaga da pobreza e da miséria, rompe o tecido social dos milhões de pobres no mundo inteiro. A segunda, a agressão sistemática da terra, desestrutura o equilíbrio do planeta

ameaçado pela depredação feita a partir do tipo de desenvolvimento montado pelas sociedades contemporâneas e hoje mundializadas. Ambas as linhas de reflexão e de prática partem de um grito: o grito do pobre pela vida, a liberdade e a beleza (cf, Ex 3, 7): a teologia da libertação, e o grito da Terra que greme sob a opressão (cf, Rom 8,22-23): a ecologia. Ambas procuram libertação [...]. Está na hora de procedermos a uma aproximação dos dois discursos [...] (Boff, 1999).

A política e a religião podem ser analisadas a partir das interpretações bíblicas, na qual a Bíblia que para os cristãos é considerada como verdade de fé, já foi muitas vezes usada para justificar uma ideologia de poder. A ligação entre a Teologia da Libertação e política consiste no momento de ação, ou seja, a Bíblia é interpretada pela perspectiva dos oprimidos, baseando-se no estudo do sagrado, mas quando se torna uma ação aos pobres passa a remeter a política. Sendo assim, a política e a teologia convergem e passam a caminhar juntas. Um exemplo claro dessa influência da Igreja na política são as interpretações diante do golpe de 1964, no Brasil, no qual a igreja atuou em favor de uma direita católica. Segundo Mainwaring (1989), a igreja se posicionou a favor do reformismo de João Goulart, mas depois acabou juntando forças à oposição e apoiando o golpe. Houveram vertentes católicas contrárias ao golpe e essas foram perseguidas. A América Latina foi caracterizada pelas ditaduras como Chile e Argentina e a Teologia da Libertação dava respostas aos que estavam sendo injustiçados e oprimidos, assim como apoio e asilo quando necessário.

Em especial, a década de 1970 foi um marco para o desenvolvimento dessa ‘nova teologia’ que, em meio ao regime militar, pregava a liberdade e justiça social, defendendo oprimidos e promovendo discussões que transcendem a esfera religiosa, atingindo as esferas política e social, apresentando ideários que não agradavam muito os setores militares. Diante disso, para além de um movimento religioso naquele momento histórico, a Teologia da Libertação pode ser considerada um movimento social e político servindo-se da religião, de suas influências e de seus aparatos, para desenvolver uma consciência coletiva contrária à situação política vigente no Brasil (Silva, 2017, p.20).

Dessa forma, a Teologia da Libertação não separa fé e política, mesmo entendendo que a Bíblia é um livro de fé, ela pode ser também um instrumento de leitura e transformação da realidade. A Teologia da Libertação articula então a crítica ao capitalismo, o compromisso com os pobres e a fé cristã. Sendo assim, se a espiritualidade, política e ecologia não se integrarem, corre-se o risco de produzir uma teologia alienada ou um ambientalismo sem alma.

TEOLOGIA, ECOLOGIA E JUSTIÇA: UMA CONVERGÊNCIA EM CONSTRUÇÃO

A teologia já foi acusada por alguns pesquisadores, como o Lynn White (1967), de ser na sua forma ocidental a religião mais antropocêntrica que o mundo já conheceu. Essa visão se deve a uma herança filosófica dominante na modernidade ocidental, especialmente vinda de autores como René Descartes e Francis Bacon. Descartes acabou influenciando a teologia com a ideia que o ser humano possui uma vocação para ser mestre e possuidor da natureza, como se o fato de ser humano estivesse intrinsecamente ligada à exploração. Unindo esse pensamento ao de Bacon, em que o poder seria a dominação da natureza, evidencia-se a dificuldade de compreensão, ainda em nosso tempo, de que não somos chamados para a exploração e dominação da criação, mas a uma vivência harmoniosa. Dessa forma, Kerber (2006), defende que não é possível chegar a um discernimento verdadeiro sobre nossa relação social e com a natureza sem uma proposta mística humana e libertadora.

A reflexão teológica propriamente do respeito do ambiental só apareceu no horizonte conceitual muito recente. Apenas no fim da década de 70 e em início da de 80 produziram-se os escritos sistemáticos. Eles surgiram paralelamente ao desenvolvimento dos movimentos

ecológicos que começaram a aparecer, primeiro, mas timidamente e depois mais audaciosamente, nas sociedades ocidentais. E no que tange à teologia latino-americana, especificamente, a alusão ao assunto ecológico é ainda mais tardio (Kerber, 2006, p. 28).

Ao longo do seu livro, Kerber (2006) vai posicionando a teologia e a luta pela ecologia do mesmo lado, citando todo o processo de novos conceitos e vertentes teológicas. Assim, a teologia precisou fazer, aos longos anos, movimentos de mudança e transformações, os quais também marcaram o marxismo, para assim sair de uma linha produtivista e realmente entender que a natureza influencia diretamente a relação das pessoas. Diferente do panteísmo a natureza não é Deus, contudo continua tendo sua importância e significância visto que faz parte da criação.

Uma ideia debatida por Kerber (2006), é a forma como Boff trata o panenteísmo, mostrando como a criação e todos os processos que a envolvem fazem parte, de algum modo, ‘em Deus’. O fato do panenteísmo relacionar a visão ecológica com espiritualidade cristã, torna o entendimento que Deus está em tudo, diferente da visão panteísta que alega que tudo é Deus. O autor, ao descrever o panenteísmo, debate que Deus continua sendo maior que sua criação, mas existem modelos e metáforas que nos ajudam a compreender aspectos de Deus. Dessa forma, buscar uma teologia ecológica vai além de pensar o ser humano como um ser dominador da criação, mas sim, um ser participante. Dentro da perspectiva panenteísta o ‘amor ao próximo’ se expande para além dos semelhantes, enquadrando tanto seres humanos quanto não humanos. Contudo é necessária uma mudança radical devida a toda exploração causada pelo homem a natureza até hoje, dessa forma a proposta ecossocialista surge como uma resposta e um apoio para que essa visão seja realizada.

A UTOPIA ECOSOCIALISTA E O REINO DE DEUS COMO PROPOSTA RADICAL À BARBÁRIE

A devastação ambiental tem aprofundado as desigualdades sociais. Nesse contexto o Ecossocialismo surge como uma alternativa a fim de articular a justiça social e ecológica, criticando o sistema capitalista. As ideias marxistas ganharam novos debates ao longo dos anos, tendo como principais autores da segunda onda ecossocialista (1970 - 1990): André Gorz, James O’Connor, Rudolf Bahro e Ted Bentons, que influenciaram o pensamento socialista daquele tempo e serviram como base para os ecossocialistas mais contemporâneos conhecidos como ecossocialistas da terceira onda (1990 - até o presente), sendo alguns deles: Joel Kovel, John Bellamy Foster, Paul Burkett, Elmar Altvater e Michael Löwy. Löwy pode ser considerado um dos principais propagadores das ideias do Ecossocialismo, principalmente devido às publicações de seus artigos e estudos sobre Karl Marx, em seu livro *O que é ecossocialismo?* (2014), consta sua participação no *Manifesto Ecossocialista* (2014), bem como a publicação do mesmo em anexo.

Löwy (2021), defende que não existe uma sociedade ecologicamente saudável dentro do sistema capitalista e que enquanto o capitalismo for o sistema vivido, o lucro sempre estará acima das pessoas e da natureza. Dessa forma, o capitalismo pode ser considerado a causa atual da exploração da natureza e da discrepância de poder aquisitivo entre as pessoas, promovendo a desigualdade para que seu sistema continue acontecendo, a partir da defesa de ideias ilusórias de meritocracia, influenciando a população a seguir cega pela alienação e a lógica de mercantilização da vida.

O ecossocialismo busca fornecer uma alternativa civilizatória radical, fundada nos argumentos básicos do movimento ecológico e na crítica marxista da economia política. Ele opõe, ao progresso destrutivo (Marx) capitalista, uma política fundada em critérios não-monetários: as necessidades sociais e o equilíbrio ecológico. Trata-se, ao mesmo tempo, da crítica da “ecologia de mercado”, que não põe em questão o sistema capitalista, e do “socialismo produtivista”, que ignora a questão dos limites naturais. O planejamento ecológico democrático, onde as principais decisões são tomadas pela própria população – e não pelo “mercado” ou por um Politburo –, é uma das dimensões-chave do ecossocialismo. (Löwy, 2021, p. 2)

O capitalismo entende que o discurso do sustentável é rentável e muitas vezes coloca em seus produtos selos de sustentabilidade, quando na verdade é uma falácia. O chamado ‘capitalismo verde’ é explicado por Löwy (2014) como uma manobra publicitária que se baseia na competição, rentabilidade e lucro, sendo a proposta sustentável dessa ideia considerada como uma gota de água sobre um solo do deserto. As reformas parciais e o capitalismo verde não são suficientes diante da crise ecológica atual, sendo necessária uma reorganização da tecnologia para que o ecossistema seja respeitado verdadeiramente. Diante da necessidade de uma mudança radical o ecossocialismo é considerado como utópico.

Utopia? No sentido etimológico (“lugar algum”), sem dúvida. Mas se não acreditamos, com Hegel que ‘tudo o que é real é racional, e tudo o que é racional é real’, como pensaremos numa rationalidade substancial sem apelarmos para utopias? A utopia é indispensável à mudança social, com a condição de que seja fundada nas contradições da realidade nos movimentos sociais e reais (Löwy, 2014, p. 49).

A utopia é mais um ponto que liga o ecossocialismo ao cristianismo. O Ecossocialismo reconhece o valor da mística enquanto a Teologia da Libertação acolhe uma crítica radical ao capitalismo, construindo assim uma alternativa civilizatória frente à barbárie. Em seu livro, Boff (1982) afirma que “o Reino é sim a utopia cristã que concerne o destino terminal do mundo” (p.27), abrindo, dessa forma, o entendimento sobre o conceito cristão do pós-vida, é possível notar que a esperança utópica do céu e do Reino de Deus faz parte de uma crença em um futuro melhor. O conceito de utopia liga as ideias do Ecossocialismo à visão teológica de Reino (‘já e ainda não’). Löwy (2014), defende que uma utopia não necessariamente é algo que não vai acontecer, sendo possível analisar que toda verdade já foi uma utopia antes de ser concreta.

A visão do Reino de Deus praticada pela teologia cristã se assemelha à luta pelo socialismo verde: o Ecossocialismo. Tal movimento é uma esperança no futuro, que para os cristãos, o ponto de mudança surge em Cristo, mas não tira dos humanos a responsabilidade de fazer sua parte. Enquanto, o Ecossocialismo, é pautado na esperança de uma revolução ecossocial. Dessa forma, desejar viver o ‘céu na terra’ é a busca pela igualdade e dignidade para o ser humano e a natureza, assim como o desejo de uma revolução ecossocial. Podendo ser observado que ainda que um nasça da fé e o outro de um contexto social, a busca dos dois está completamente ligada pela necessidade da responsabilidade humana em fazer sua parte pelo planeta, pelo agora.

O essencial como dito mais adiante no corpo dessa *Pedagogia da esperança*, é que ela, enquanto necessidade ontológica, precisa de ancorar-se na prática. Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática pra tornar-se concretude histórica, É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã. (Freire, 1992, p.6).

Freire (1992), através da sua fala sobre a esperança ressalta como ela precisa estar ligada com o concreto, com a ação ou será apenas vã. O Reino de Deus e a utopia ecossocialista não são apenas ilusões, mas fazem parte de um posicionamento real, um motor de superação para as injustiças sociais e devastação da natureza. O cristianismo entende que o Reino de Deus é de justiça, assim como o Ecossocialismo busca a justiça para as pessoas e a natureza e, por esse motivo, as ideias podem caminhar juntas para que a esperança das pessoas seja baseada em um mundo melhor, seja pela fé ou pela revolução.

É notável que a espiritualidade e o materialismo histórico dialético encontram-se em um mesmo ponto, a sacralidade da vida. O Ecossocialismo usa o materialismo como base, sem desconsiderar o saber e a necessidade de cuidado com todos os povos, enquanto a espiritualidade reforça a urgência de ser mordomo da criação e amar o próximo. Mesmo entre as igrejas progressistas, há resistência à plena adoção do marxismo, revelando que o tradicionalismo ainda persiste em muitos aspectos. No entanto, a defesa dos oprimidos e do meio ambiente continua sendo um ponto comum de união.

Dessa forma, a urgência por uma mudança radical vai além de um contexto político. O lucro desejado pelo sistema capitalista inunda tanto a fé quanto afeta totalmente a vida de todas as pessoas, principalmente as mais marginalizadas. O Reino de Deus é crer que enquanto a espera da volta de Cristo acontece o presente já deve ser transformado por aqueles que creem, dessa forma, é impossível buscar uma justiça social sem uma transformação ecológica. Em seu livro *Marxismo e Teologia da Libertação* (1991), Löwy cita Leonardo Boff e Clodovis Boff em uma resposta ao cardeal Ratzinger, sobre o marxismo sendo utilizado como mediação:

Eles têm ajudado a esclarecer a enriquecer certas noções maiores da teologia: povo, pobre história e mesmo práxis política. Isso não quer dizer que se tenha reduzido o conteúdo teológico dessas noções ao interior da forma marxista. Ao contrário, tem-se separado o conteúdo teórico válido (isto é, de acordo com a realidade) de noções marxistas no interior do horizonte teológico. (Löwy, 1991. p.103).

A urgência de um pensar ecológico é comprovada devido a toda crise climática e desastres ambientais, não existe ecologia real dentro do sistema capitalista. Da mesma forma que não existe a possibilidade de viver um socialismo real se a única preocupação dos marxistas for o produtivismo. O entendimento da necessidade de uma ecologia saudável é necessário para que a própria população consiga fazer escolhas conscientemente a favor da dignidade humana e da natureza.

A ecologia dentro do capitalismo é completamente insustentável e, por esse motivo, é feito uma paráfrase da frase Rosa Luxemburgo (2017): ‘socialismo ou barbárie’ para ‘ecossocialismo ou barbárie’ visto que, diante do capitalismo exploratório a barbárie já é certa, necessitando, assim, de uma nova alternativa radical. O Ecossocialismo precisa superar todas as crises causadas pelo capital, ser resistente a toda barbárie, por esse motivo mais que lutar pelo socialismo é necessário lutar pelo Ecossocialismo.

Dentro da teologia o tempo *kairós* é o agora, o que remete a nossa urgência atual, o momento decisivo para uma mudança radical, sendo a espiritualidade uma força de resistência contra a destruição causada pelo capital. O evangelho assim como o Ecossocialismo é para todos¹ que não são vistos ou aceitos e o amor ao próximo não é direcionado, mas expandido dos humanos para a natureza.

A NECESSIDADE DO RECONHECIMENTO DA MULHER

Toda a busca para aceitação e igualdade dos marginalizados e pobres não é suficiente se for tratada sem a análise das individualidades. Dessa forma, é de extrema importância que a voz das mulheres também seja ouvida para que uma mudança real aconteça. Durante muito tempo, as mulheres foram excluídas dos debates e tiveram suas dores tratadas como não relevantes, além disso, seus corpos também são usados como parte do sistema exploratório capitalista. Por esse motivo, tanto o Ecossocialismo quanto a Teologia da Libertação precisam reconhecer que a mulher também é explorada como a natureza e que o Deus dos pobres também é o Deus das mulheres.

[...] Percebi o quanto fazer teologia como mulher e fazer teologia como mulher feminista era diferente. No primeiro modelo, devia aprender e reproduzir as teologias masculinas e receber as glórias de boa teóloga que outorgavam. No segundo, precisava introduzir-me na crítica ao mundo patriarcal e suas teorias religiosas de manutenção da submissão das mulheres e seus poderes [...] (Gebara, 2020, p.10-11).

A Teologia da Libertação, baseada no marxismo, critica toda a forma de opressão causada pelo sistema capitalista e, como apresentado, deve criticar a violência da vida do planeta. Essa questão precisa ser expandida e compreendida,

¹ Tanto a Teologia Negra, quando a busca por justiça racial dentro do ecossocialismo, são assuntos de extrema importância e que não podem se manter a margem. Contudo, nesse artigo não seria possível abordar toda sua importância e jornada. Por esse motivo, segue como sugestão para aprofundamento no tema o livro, Teologia negra: O sopro antirracista do espírito (Pacheco, 2024). No que se refere à questão das mulheres e a história da desigualdade de gênero, recomenda-se Calibâ e a Bruxa (Federici, 2023).

visto que a violência sofrida pelas mulheres, principalmente nas igrejas, é parte dessa estrutura que precisa ser alterada radicalmente. Sendo assim, as teologias feministas vão contra muitas posturas morais ditas pelo movimento eclesiástico. Quando a Teologia da Libertação baseia sua postura em *Êxodo*, fala sobre a retirada do povo de sua terra para a liberdade, contudo, o papel da mulher não é destacado ou se quer é relevante nesse momento, gerando questionamento sobre como Deus seria um libertador do pobre, mas não se importava com as particularidades do sofrimento feminino. Os libertários proclamavam um Deus justo, contudo, dentro de suas casas essa justiça continuava sendo propagada em forma de autoridade abusiva.

O Deus dos pobres e da libertação não gostava das mulheres que faziam aborto, não gostava das que denunciavam a violência masculina, não gostava das sexualidades diferentes, do cheiro das menstruações, das dores do parto, dos anticoncepcionais, dos preservativos, da educação sexual para os homens. Essa guerra feminina era impura demais para ele, pois sendo Puro Espírito não podia ocupar-se com as baixezas da carne humana (Gebara, 2020, p.13).

A Teologia da Libertação estava mais preocupada com a libertação política e econômica do que das relações sociais e interpessoais. O levantamento dessas questões é mais do que incluir o ponto de vista do feminismo, trata-se de entender que os corpos também fazem parte desse sistema opressor, como mercadorias, das quais as mulheres tem baixo valor, quando possuem algum. Gebara (2020), analisa que os pilares antropológicos e filosóficos do cristianismo, até hoje, partem de uma supremacia da representação masculina e da redução das mulheres a auxiliares. Qualquer prática que tente fugir a essa representação é vista como heresia ou suscita violência por parte daqueles que defendem uma linguagem tradicional. É necessário que a antropologia feminista seja debatida, sendo ela uma antropologia que acredita não existir uma ordem divina e patriarcal, mas sim, parte das dores do ser humano e não de hierarquias de gênero.

O debate apresentado por Gebara (2020), leva uma carga da utopia presentes nos debates do Ecossocialismo e também no Reino de Deus, existe um desejo de transformação para que os desafios atuais sejam enfrentados, sem que as tradições sejam completamente descartadas, sendo uma luta necessária e urgente para que ocorra uma transformação radical na sociedade. As teólogas feministas não tiveram espaços verdadeiramente abertos durante a Teologia da Libertação e a forma como hoje a teologia está cercada pelos discursos patriarcais e moralistas, permanece deixando as mulheres foras dos muros institucionais. Teólogos da libertação não entraram em sua defesa publicamente e nem se autodenominam feministas, diferente das várias mulheres que entenderam a necessidade de se denominarem como teólogas da libertação.

Ainda que algumas universidades, durante a década de 1990, abriram espaço para o feminismo latino-americano, o caminho ainda é muito estreito e limitado para as teólogas. Gebara (2020) afirma que a onda conservadora e fundamentalista tem tomado conta do continente e cada vez faz com que as faculdades de teologia sejam resistentes ao feminismo. Com isso, existe uma institucionalidade existente na produção da Teologia da Libertação, enquanto não há na Teologia Feminista, o que leva a uma crítica sobre o futuro das mulheres e seu lugar no mundo.

A fé, a esperança e o amor mútuo em doses diversas não nos abandonaram hoje e não nos abandonarão amanhã. Essa é uma verdade que a vida nos revela a cada dia, nela acreditamos e seguimos em frente (Gebara, 2020, p. 34).

ECOFEMINISMO E ECOSOCIALISMO

Assim como a Teologia da Libertação é dominada por pensadores e teólogos masculinos, o Ecossocialismo e até mesmo o próprio socialismo segue a mesma lógica. Contudo, é possível encontrar autoras de relevância que tem fugido às normas patriarcais e se tornado de extrema relevância como Françoise d'Eaubonne, Sabrina Fernandes, Vandana Shiva e muitas outras. É impossível retirar a importância de uma análise feminista dentro do Ecossocialismo, visto que

as mulheres são extremamente impactadas com os desastres ambientais e, seguindo essa linha, é possível ver qual o papel da mulher nessa luta. O ecofeminismo analisa toda a opressão que a humanidade passa e como ela atua de forma desigual quando se trata das mulheres.

[...] El mundo patriarcal considera al hombre como la medida de todo valor y no la diversidad, sino sólo la jerarquía. Trata a la mujer como desigual e inferior porque es diferente. No considera intrínsecamente valiosa la diversidad de a naturaliza em sí misma, sino que sólo su explotación comercial em busca de um beneficio económico le confiere valor (Shiva, 2024).

O Ecossocialismo deve tratar de tudo que englobe os direitos humanos, buscando uma luta social para toda a humanidade. Dentro do sistema capitalista as mulheres, segundo Heleith Saffioti (2013), passam por subvalorização de suas capacidades, tendo sua função produtiva marginalizada dentro do sistema de produção, recaindo na ligação já direcionada entre mulher e meio ambiente. Isso refere-se aos discursos ecológicos que colocam a mulher como mais próximas a natureza, por serem mães, cuidadoras ou mais sensíveis. No entanto, essa visão reforça os estereótipos presentes na vida da mulher, sendo esta subordinada a uma posição e não a uma escolha. O trabalho feminino não é considerado como tal, sua função produtiva permanece marginalizada sem reconhecimento, com salário desigual e sem possuir as mesmas oportunidades que os homens. A mulher sofre exploração no trabalho e na sociedade patriarcal, essa é a dupla opressão do capitalismo.

Françoise d'Eaubonne foi a responsável por cunhar o termo Ecofeminismo. Em seu livro *Feminismo ou morte* (2025), ela alega que mesmo as pessoas sabendo que a maior ameaça do mundo é a superlotação e a destruição dos recursos, elas não fazem a ligação que isso provém da inteira responsabilidade masculina (e não apenas capitalista ou socialista). Quando os homens entenderam que podiam cuidar da agricultura e que eram os responsáveis pela fecundação feminina, passaram a se apropriar tanto do solo quanto do ventre da mulher, essa exploração causada como consequências lógicas as maiores ameaças do mundo atual.

A única mutação que poderia, portanto, salvar o mundo hoje é a da 'grande inversão' do poder masculino traduzida, após a sobre-exploração agrícola, pela mortal expansão industrial. Não o 'matriarcado', certamente, ou o 'poder para as mulheres', mas a destruição do poder pelas mulheres. E finalmente a saída do túnel: a gestão igualitária do mundo a *renascer* (e não mais a 'proteger' como ainda acreditam os doces ecologistas da primeira onda) (d'Eaubonne, 2025, p. 172-173).

A autora descreve em seu livro que não deseja uma espécie de supremacia feminina, mas que é preciso lutar para não morrer, ou seja, uma sociedade finalmente vivida no feminino, deveria buscar o 'não poder' e não o 'não poder às mulheres', assim, se a mulher deseja sobreviver é necessário entender que enquanto o homem, dentro do capitalismo, explora pelo lucro, o socialista explora pelo progresso. Assim, as expressões de riqueza que foram desviadas para os machos se tornarão novamente uma 'expressão de vida', sendo o ser humano tratado como pessoa e não como macho ou fêmea (d'Eaubonne, 2025).

Esse posicionamento feminista, leva em consideração que mesmo a partir das ideias mais revolucionárias, a individualidade da mulher precisa ser tratada com respeito e dignidade. Não existe futuro igualitário enquanto o patriarcado for o regente da realidade.

TEOLOGIA FEMINISTA E O ECOFEMINISMO: COMO TRANSFORMAR A REALIDADE?

A teologia precisa ser libertadora, fato que não ocorre se as mulheres continuarem sendo silenciadas. Porém, ao colocar o pobre como ponto principal, a Teologia da Libertação deve abrir espaço para o debate sobre todas as minorias.

Dessa forma, existe uma necessidade de pensar a pobreza da forma real e não apenas abstrata, sem invisibilizar as negras, indígenas e periféricas.

As mulheres são alienas do nosso próprio corpo. É extraído a corporeidade, o autoconhecimento, o ser mulher, ser corpo, ser. A teologia patriarcal exorciza as mulheres delas mesmas. Definem o que podem e não podem fazer com os corpos (Thomaz, 2017, p.77)

Muitas mulheres ainda permanecessem reféns de discursos teológicos patriarcais em suas igrejas. Esse fato pode acontecer devido a alienação ou pelo completo enraizamento patriarcal. A fé das mulheres foi roubada juntamente com seu direito de ser, ou ela reproduz os discursos patriarcais ou não é considerada mulher cristã de verdade. Essa teologia precisa ser superada, pois muitas nem se quer se dão conta que estão vivendo em um cativeiro com uma bela faixada.

As igrejas têm medo dos corpos, principalmente do corpo da mulher. Temem abrir-lhe espaços porque este exigirá uma nova organização do espaço e poder sagrado. Temem, ainda, porque terão que habitar com corpos diferentes numa relação entre os corpos de direitos iguais. Assim sendo, não poderão mais ditar ordens de submissão desses corpos. Terão de dividir o poder sobre os corpos. (Gebara, 2016, p.92)

A proposta para uma transformação vem com a necessidade de dar voz as mulheres e levar o conhecimento para que possam entender que devem ser reconhecidas e valorizadas. Como dito por Freire (1992), a libertação só se dá num processo dialógico e coletivo. O foco da evangelização precisa ser alterado, não existe a necessidade de evangelizar as mulheres, elas não são apenas receptoras passivas de doutrinas, mas são sujeitas epistemológicas da fé.

Olhar o planeta com reciprocidade é algo presente dentro do Ecossocialismo, contudo essa visão precisa romper com as relações desiguais entre os humanos e a natureza e entre os homens e as mulheres. Mais do que apenas uma revolução radical, é necessário que o sistema seja libertado do capitalismo, da morte, do patriarcado, do racismo e do sistema ecosida. Não existe luta revolucionária ou desejo por igualdade social que não considere as minorias, os marginalizados e os que não são considerados como iguais. Assim, o feminismo precisa estar presente em todas as lutas, sendo necessário uma revolução total e não apenas onde convém ao homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse ensaio buscou refletir a necessidade real de convergência entre a Teologia da Libertação e o Ecossocialismo, analisando que as evidências mostram que ambas compartilham o mesmo objetivo: a busca por uma justiça social, ecológica e ética. Devido a realidade climática atual, uma transformação radical é urgente na sociedade, sendo possível integrar a fé, política e a ecologia.

Durante o estudo, o principal objetivo era dialogar entre a teologia, o marxismo e a ecologia, contudo, a importância das perspectivas das mulheres para esses temas, levou a inclusão do pensamento feminista dentro da Teologia da Libertação e do Ecofeminismo, gerando um posicionamento que só existirá uma sociedade mais justa se houver a inclusão da perspectiva feminista.

Devido a profundidade do tema e sua relevância atual não é possível, neste espaço, esgotar o tema e as discussões relacionadas, sendo assim, entende-se a importância de ampliar a investigação sobre experiências práticas já realizadas nas comunidades de fé, bem como firmar um debate sobre os desafios do feminismo dentro das tradições religiosas.

Concluímos, portanto, que a Teologia da Libertação precisa de um novo respirar, mais baseado na realidade das pessoas e nas escrituras, não no masculino que permanece distante da realidade social. Da mesma forma, o Ecossocialismo precisa sair das academias para transformar a vida das pessoas que estão sofrendo pelas catástrofes climáticas e desigualdades sociais. A partir da união da fé e da justiça social, uma nova porta se abre para um compromisso com os silenciados e com a ecologia, na busca por uma sociedade justa, sustentável e solidária.

REFERÊNCIAS

- ARNS, Dom Paulo Evaristo. *Da Esperança à Utopia: Testemunho de uma vida*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. E-book. ISBN 978-85-378-0772-9.
- BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002. 6. impr., 2010.
- BRITO, Lucelmo Lacerda de. *Medellín e Puebla: epicentros do confronto entre progressistas e conservadores na América Latina*. Revista Espaço Acadêmico, n. 111, ago. 2010. Disponível em: https://d1wqxts1xzle7.cloudfront.net/66934186/5854-libre.pdf?__t=1658111111. Acesso em: 30 jul. 2025.
- BOFF, Leonardo. *A originalidade da Teologia da Libertação em Gustavo Gutiérrez*. Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, v. 48, n. 191, p. 531–543, set. 1988. DOI: 10.29386/reb.v48i191.3178. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/3178/2807>. Acesso em: 30 jul. 2025.
- BOFF, Leonardo. *De la libertación y la ecología: desdoblamiento de um mesmo paradigma* in DOS ANJOS, Marcio Fabri (ed.) *Teología y nuevos paradigmas*. Bilbao: Mensajero, 1999.
- Boff, Leonardo. Igreja, carisma e poder: ensaios de eclesiologia militante. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.
- ENGELS, Friedrich. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. 3. ed. São Paulo: Edipro, 2023.
- FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. 3. ed. São Paulo: Elefante, 2023.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992
- GEBARA, Ivone. *A Teologia da Libertação e as mulheres*. Sociedade e Cultura, Goiânia, v. 23, 2020. DOI: 10.5216/sec.v23i.61023. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/61023>. Acesso em: 30 jul. 2025.
- GEBARA, Ivone. *Corpo, novo ponto de partida da teologia*. Rasgando o Verbo, Teologia Feminista em foco. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: perspectivas*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- KERBER, Guillermo. *O ecológico e a teologia latino-americana*. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- LÖWY, Michael. *Marxismo e teologia da libertação*. São Paulo, SP: Cortez, 1991. 120 p. (Polêmicas do nosso tempo, 39).
- LÖWY, Michael. *O que é o ecossocialismo?* 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014. 128 p. (Questões da nossa época, v. 54).
- LÖWY, M. Ecossocialismo: o que é, por que precisamos dele, como chegar lá . *Germinal: marxismo e educação em debate*, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 471–482, 2021. DOI: 10.9771/gmed.v13i2.45816. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/45816>. Acesso em: 30 set. 2024.
- MAINWARING, S. *A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 1989)
- MARX, Karl. *A ideologia Alemã*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, K. Engel, F. *O manifesto comunista*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.
- LUXEMBURGO, Rosa. A crise da social-democracia alemã. In: GUIMARÃES, Juarez (Org.). *Rosa Luxemburgo: textos escolhidos*. [S. l.]: Boitempo, 2017.
- PACHECO, Ronilso. *Teologia negra: o sopro antirracista do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 2024.
- SAFFIOTTI, Heleith I. B. *A mulher na sociedade classes*. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014. Disponível em: https://ufrb.edu.br/ccaab/images/AEPE/Divulgação/LIVROS/Metodologia_do_Trabalho_Científico_-1ª_Edição-Antonio_Joaquim_Severino_-2014.pdf. Acesso em: 29 jul. 2025.
- SHIVA, Vandana. “El saber propio de las mujeres y la conservación de la biodiversidad”. *Alastensas*, 26 fev. 2024. Disponível em: <https://alastensas.com/mundo/referentesvandanashivaelsaberpropriedasmujeresylaconservaciondelabiodiversidad/>. Acesso em: 30 jul. 2025.
- SILVA, Marcos Soares da; IRSCHLINGER, Fausto Alencar. Fé E Política: Embates Entre Teologia Da Libertação E A Ditadura Militar No Brasil Da Década De 1970. *AKRÓPOLIS - Revista de Ciências Humanas da UNIPAR*, [S. l.], v. 24, n. 1, 2017. Disponível em: <https://unipar.openjournalsolutions.com.br/index.php/akropolis/article/view/6049>. Acesso em: 30 jul. 2025.
- THOMAZ, Angélica Tostes. *A teologia sem corpo: uma crítica da teopoética feminista*. *Reflexus: Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões*, Vitória, v. 12, n. 19, p. 75–92, 2017. DOI: <https://doi.org/10.20890/reflexus.v12i19.731>. Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/731>. Acesso em: 31 jul. 2025
- WHITE, Lynn, Jr. The historical roots of our ecological crisis. *Science*, Vol. 155 n. 3767, 1967.